



Rádio e Educação da Escuta na Educação e no Desenvolvimento Comunitário¹

Mauro Sá Rego Costa
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O objeto de nosso estudo é a experiência da escuta – especialmente, da escuta radiofônica – ou a exploração e a compreensão de possibilidades da experiência da escuta – e do rádio – em direções determinadas na educação e no estímulo ao desenvolvimento comunitário. Traçamos um caminho teórico: desde a busca de instrumentos para a compreensão da escuta tornando-a independente do campo da música, até a abordagem sonoro-política presente no conceito de ritornelo, de Deleuze e Guattari e seus seguidores. Relatamos o processo pelo qual este tema se constituiu como objeto de pesquisa para nós; e as primeiras experiências e os planos de uma rádio comunitária-universitária desenvolvida com base nesses pressupostos teóricos.

Não há uma tradição de pensamento sobre o som e a escuta como há, historicamente, e em continuidade, pensamento sobre a visão e as diferentes linguagens visuais. Apesar de, por exemplo, desde o início das transmissões radiofônicas, muitos artistas terem percebido as potencialidades deste meio e produzido especialmente para o rádioⁱ, não se desenvolveu um campo teórico específico sobre “a arte do rádio”, como aconteceu com a fotografia e o cinema, tecnologias de comunicação que lhe são contemporâneas. A maior parte da teoria que toma o som e a escuta como temas acaba incorporando suas questões ao campo da música, desviando-se assim – e limitando as possibilidades de leitura – do que seria específico dessa experiência. Estão nesse caso, desde “a arte dos ruídos” de Luigi Russoloⁱⁱ, à “libertação dos sons” de Edgar Varèseⁱⁱⁱ; até a reflexão sobre o uso de ruídos extra-musicais por John Cage^{iv}. Todas estas experiências convergem para um desejo de renovação da arte musical. Os sons assim “musicalizados” tolhem a liberdade da escuta, capturados pelo que caracteriza tradicionalmente o som como musical – i.e, algum modo de codificação, a busca de uma percepção “pura” e distante dos efeitos contaminantes da referencia dos sons do

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



mundo, da sua fonte em atividades humanas determinadas, de sua realidade sócio-política, os sons misturados da natureza, etc... Nada dessa contaminação por referências concretas e ilustrativas atrapalhou a arte da fotografia ou do cinema, por exemplo. A não separação de uma arte do rádio ou da escuta, da arte da música, impediu, até recentemente, o desenvolvimento de critérios de leitura (de audição) próprios dela.^v

Alguns traços dessa teoria da escuta podem ser apropriados da obra de compositores que tomaram a gravação de sons concretos como base de sua música. A “música concreta” de Pierre Schaeffer nasceu num estúdio de rádio.^{vi} Seu *Tratado dos Objetos Musicais*^{vii} ainda pode ser utilizado como um passo para o pensamento da escuta livre. François Bayle, que o substitui na direção do GRM, inicia um caminho teórico para pensar a percepção auditiva como cognição – num diálogo com as ciências cognitivas.^{viii} E o terceiro compositor e teórico da educação da escuta, o canadense Murray Schafer, associará seu trabalho à Ecologia Acústica, criando o conceito de *paisagem sonora*, visando o estudo, ao mesmo tempo estético e ecológico, dos ambientes sonoros^{ix}.

A questão pensada pela Ecologia Acústica e seus resultantes educacionais têm diversas vertentes. Por um lado, a educação da escuta, ou a ampliação sistemática da atenção consciente ao ambiente sonoro em que vivemos, como parte da educação básica, e aplicada em grande escala, é um caminho para a busca da melhoria da qualidade sonora das cidades. Propõe-se que ela faça parte de uma educação geral e básica de cidadania: tomar consciência da massa sonora que nos envolve continuamente; de que cada um de nós, como emissor de sons, é co-autor; e da “poluição sonora” que se produz, de maneira crescente. Este é um programa com finalidades educacionais e de saúde pública.^x Ao mesmo tempo, a educação da escuta do ambiente sonoro cotidiano é um caminho para uma nova atitude perceptiva, modos de audição, que abrem o interesse pelas novas linguagens musicais pós-tonais, os ritmos não-regulares, etc, mas cujo potencial é muito maior. Bayle aponta como essa nova atitude auditiva – que ele intitula de “acusmática”, termo criado por Shaeffer – pode ser pensada em relação ao desenvolvimento cognitivo. Ele esboça algumas linhas para uma pedagogia nesta direção. A proposta de Darren Copeland, por um Áudio

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Realismo, também aponta este outro universo de audição, independente da musicalidade:

“pedaços de som ambiente tocam–nos com muito mais informação – associativa e acústica – que qualquer percepção educada saberia deslindar. A percepção educada prende–se, teimosamente, à abstração, apesar das texturas de muitas camadas e relações intrincadas que caracterizam a tela sonora do mundo exterior”^{xi}.

Tais propostas pedem um tratamento teórico próprio que não se encontra na literatura do grupo de pesquisa de Ecologia Acústica, citado na bibliografia. Músicos, educadores, engenheiros de som, urbanistas, artistas que trabalham com as tecnologias de registro sonoro e também com o rádio – Kathleen Pichora-Fuller, Darren Copeland, John K. Bates, John Luther Adams, Alan Beck, Gary Ferrington, Claude Schryer, Hildegard Westerkamp, Tadahiko Imada, Kendall Wrightson, fazem interessantes relatos de experiência, e utilizam diferentes instrumentos de análise ou de fundamentação metodológica para as experiências – da psicologia da percepção à análise computacional da escuta, mas não consideramos suficientes suas diferentes abordagens para nosso objetivo de análise e de aplicação das questões da construção de novas narrativas sonoras para a educação e o estímulo ao desenvolvimento comunitário.

Utilizamos essa literatura como fonte de dados de experiência e informação técnica, mas nossa abordagem teórica privilegia a direção proposta por Gil, Deleuze, Guattari, Rolnik, Pelbart^{xii} e outros, com sua compreensão específica da “experiência estética”, como experiência de fronteira, propiciadora de um devir-outro – de processos de subjetivação, ou transformações da subjetividade com seus correlatos sócio-políticos, nos modos de organização dos socii, dos “sujeitos coletivos”.

Afinal, de que rádio estamos falando?

Para além da “caixa de música” ou do “rádio que toca notícias”, o rádio tem, como o cinema, dois espaços potenciais de exploração privilegiados. O primeiro é o do documentário sonoro – a possibilidade de relatar experiências e mundos, naturais e sociais, tendo como canal principal os recortes, as “imagens” sonoras, a audição, como propõe o Áudio Realismo de Darren Copeland ou as “paisagens sonoras” de Murray

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Schafer. É esta a proposta que tem sua origem no Laboratório de Escuta de Dziga Vertov. Uma variante dela – que depende de base tecnológica mais recente – é a da transmissão ao vivo de situações sociais determinadas, experiências vividas por coletivos atuais, ao mesmo tempo rompendo com a forma “espetáculo” mais corrente no sistema de controle da mídia. Experiências como a da transmissão direta de uma greve, por exemplo, não no estilo do noticiário, com narração superposta contínua, mas como documentação sonora direta de manifestações, de reuniões propositivas; do cotidiano de um grupo de grevistas acampados, numa ocupação de um espaço do poder público, etc. Um exemplo de experiência radiofônica nesta direção já se encontra, em 1976-77, na Rádio Alice, uma rádio livre de Bolonha, Itália, como vemos relatada por Machiocchi.^{xiii} As transmissões feitas ao vivo, das ruas, de muitos pontos, como a de uma passeata em que os repórteres se espalham por toda a área que será percorrida pela marcha, mas não se atém apenas aos personagens principais – manifestantes e autoridades municipais e policiais –. Conversam com passantes despreocupados, moradores das ruas que a marcha percorrerá, pessoas dentro de um bar, alheias ao que acontece lá fora... Tecem assim uma rede com muitas perspectivas, modos diversos de perceber, pensar e sentir um evento político local. Produzem efeitos ético-estéticos de choque, como o corte de um comentário agressivo de um senhor alcoolizado e contrário aos manifestantes, dentro do bar, para os berros de um estudante entrevistado que acaba de ser baleado pela “polícia do prefeito comunista” de Bolonha, na linha de frente da marcha. Uma cobertura direta desse tipo pode acontecer mesmo em eventos universitários – um seminário, conferências, debates –, cujo potencial de mobilização seja grande, uma platéia ativa, participação intensa. Esta é uma forma de atuar contra o poder desvitalizador da forma espetáculo que lamina e aplaina todos os acontecimentos nos formatos reconhecidos e repetidos dos noticiários–padrão.

O outro espaço é o literário e dramático, cuja tradição mais conhecida é a do *Hörspiel* alemão, que começa como o rádio-drama padrão e evolui para formas em que se privilegia dar peso igual à interpretação falada e ao uso de sons concretos, ambientais e/ou musicais. Sua tendência será produzir narrativas em que esses dois planos se integram dramaticamente, não na forma corrente, em que a trilha sonora

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



acompanha, ilustra, enfatiza aquilo que é expresso no texto falado, mas como faixas independentes, cuja ação “narrativa” tem igual importância, interagindo por contraponto, contradição, absurdo, descontinuidade, superposição diferencial, etc..^{xiv}. Aparece assim nos dramas radiofônicos de Bertold Brecht, musicados por Kurt Weil, tanto quanto nos dramas radiofônicos de Samuel Beckett. Como coloca Stupidovich,

“as peças para rádio de Beckett parecem ressoar um comentário subliminar e, ao mesmo tempo direto, sobre a ‘radiogenia’, chamando a atenção para as nuances das impressões auditivas. A peça convida o ouvinte a distinguir entre, e ao mesmo tempo a fundir, os vários planos sonoros que o rádio pode oferecer de modo simultâneo”.^{xv}

Mas o potencial do rádio como “contador de histórias”, como um outro modo da experiência literária tem fontes muito arcaicas. Como comenta Murray Schafer, pode ter sua linhagem ligada à vivência sagrada e religiosa de “ouvir os espíritos”, “ouvir a voz de Deus”. Está assim na literatura judaica e cristã, tanto como na islâmica. Foi utilizado como truque pelos jesuítas em seus dramas religiosos de catequese dos indígenas no Brasil do século XVI. Esse potencial é aproveitado largamente, hoje, na pregação religiosa evangélica, que invadiu o dial tanto em rádios oficiais como em rádios locais clandestinas, aproveitando o espaço das comunitárias. Mas, como mostra Schafer, esse poder acusmático, da voz mágica que aparece sem uma fonte visível, pode servir a fins muito mais variados e propiciar esta nova (e muito antiga) dimensão da experiência literária. O caráter literário de um texto é manifestado por seu falar próprio, pela invenção de uma língua menor no interior da língua dominante^{xvi}. Certamente, desaprendemos a ouvir no rádio algo diferente da língua dominante. E um novo uso do meio aproveitando esse poder da linguagem literária será certamente perturbador e renovador. Schafer relata a experiência de uma rádio em Dublin que comemora o centenário de nascimento de James Joyce com a transmissão da leitura do *Ulisses*, não parte da obra comentada, mas o romance inteiro num programa com 36 horas de duração^{xvii}.

Finalmente, para costurar essas propostas de experiência de narrativa sonora no rádio, utilizamos como eixo o conceito de ritornelo, construído por Deleuze e Guattari

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



para pensar a relação de todo processo de expressão criadora, com ênfase na música, associando-o à constituição de *sociedade*.^{xviii} Através do ritornelo, eles apontam as relações entre a criação e expressão artística, em geral – e musical, em particular –, com os processos sociais, a partir do conceito etológico de território – oriundo do estudo dos animais territoriais. É interessante ampliar a perspectiva do ritornelo, de Deleuze & Guattari, da matéria musical, à expressão sonora, em geral, como vimos apontando anteriormente.

O ritornelo é um operador para o surgimento de gestos, modos, comportamentos, sociais (políticos), a partir de um plano zero caótico, agenciando arbitrariamente elementos materiais (coisas, sons, palavras...) e suas relações, em uma “frase”, que tende a repetir-se e depois a variar – territorializar e desterritorializar-se – expandindo-se em direção a novos territórios, criando uma língua, um estilo, ou perdendo-se de volta ao caos.

O caráter de marcas territoriais de células musicais e sonoras que a experiência da música na Publicidade apenas repete, está presente em toda a História da Música, desde a tradicional, nas sociedades tribais (explicitamente territoriais), nos templos gregos na antiguidade, como nos yorubá, ou hinduístas, até a divisão das “tribos” na juventude atual, a partir do gênero musical a que aderem.^{xix} A indiscernibilidade entre novas linguagens sonoro-musicais e novos agenciamentos sócio-políticos está presente de modo exemplar no movimento hip-hop atual em muitos países do mundo. Essa abordagem permite descrever igualmente os efeitos de modos sonoro-políticos específicos nas rádios comunitárias. A experiência iniciada de rádio comunitária ligada à Universidade, vem produzindo condições para atuar de forma autônoma, e ao mesmo tempo, mais sistemática, para cartografar e buscar pensar este universo.

Do outro lado, temos, nas faculdades de educação, carência de recursos de formação neste novo universo de comunicação que certamente comporá o ambiente educacional do futuro. Rádio não é um meio "atrasado". Além de ser o meio de comunicação mais amplamente utilizado no país, com as vantagens do baixo custo e da portabilidade, nômade como os ouvidos, é ao mesmo tempo um meio local e desterritorializado, global^{xx}. Seu potencial na área de educação à distância não é

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



substituído, mas se acrescenta aos recursos de rede da Internet, como mostra o projeto *radiovivafavela*, utilizando a tecnologia Star One, de transmissão por satélite, da Embratel. Falo, mais adiante, sobre este projeto.

Estas experiências encaminham a formação do educador para um espaço em que se atravessam as fronteiras entre os processos de educação e de comunicação com funções variadas: a formação de um educador/ comunicador/ agente político e de desenvolvimento comunitário.

Pequeno histórico desta direção de pesquisa

O interesse por esta área de pesquisa – da escuta – começa a se materializar, entre nós, muito recentemente. Participei de dois eventos que podem ser tomados como marcos na formulação de sua ação em educação no Rio de Janeiro. E iniciei, em seguida, o projeto de pesquisa em rádio e áudio que deu origem ao Laboratório de Rádio da UERJ/Baixada, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense^{xxi}. Os eventos *Escuta! Um Abraço Sonoro na Cidade*, em 1998; e *Escuta! 2000 Construindo a Paisagem Sonora da Cidade*, surgiram do encontro entre músicos, compositores – principalmente da área da eletroacústica –; educadores musicais ligados à questão da educação da escuta e da ecologia acústica; e especialistas do Centro de Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Meio–Ambiente, que atuam em relação à poluição sonora.

Participei da curadoria dos dois eventos. Coordenei as mesas redondas no primeiro (1998) e, em 2000, fiz a reedição do texto da cartilha *A Paisagem Sonora da Cidade* (publicada, numa primeira versão, em 1998), para ser usado no treinamento de professores. Em 2001, orientei uma experiência de educação da escuta com alunos bolsistas IC de Pedagogia, na FEBF, em escolas em Queimados e Duque de Caxias. Resultou na comunicação *Rádio, Paisagem Sonora e Educação*, apresentada na X Semana de Iniciação Científica da UERJ.^{xxii} Ao mesmo tempo, apresentei o projeto da rádio da UERJ, com esta direção conceitual, numa comunicação ao XXIV Congresso da INTERCOM, em Campo Grande, em setembro de 2001.^{xxiii} Estamos, no momento, iniciando contatos com a Secretaria de Educação de Duque de Caxias, visando a

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

repetição de experiências com turmas do ensino fundamental do município e o treinamento de professores da rede municipal em educação da escuta. Essa experiência se articulará com o início das transmissões da Rádio Kaxinawá – a rádio educativo-comunitária que está sendo montada pela comunidade do bairro de Vila São Luís em articulação com o Laboratório de Rádio UERJ/Baixada.

A Associação de Moradores de Vila São Luís foi a principal agente na organização do grupo de entidades que se uniu para fundar a Associação Comunitária que sediará a rádio^{xxiv}. Desta Associação fazem parte, a Associação de Moradores de Vila São Luís, a Associação dos Pescadores do Porto da Chacrinha, a União da Juventude Socialista (da Baixada Fluminense), a Igreja Evangélica Boas Novas, o Centro Espírita Discípulos de Tiago, o Ministério dos Cavaleiros de Cristo, além do Centro Acadêmico Henfil – diretório estudantil da FEBF –; o Pré-Vestibular Comunitário Vila São Luís – curso de pré-vestibular gratuito, com organização própria e que funciona na FEBF; e o Laboratório de Rádio UERJ/Baixada.

Utilizaremos parte da programação da Rádio Kaxinawá para o desenvolvimento das pesquisas na área da escuta, e desenvolvimento de novas narrativas sonoras. Contamos igualmente com dois outros espaços em rádios comunitárias com quem mantemos intercâmbio, a Rádio Onda Livre, em S. João de Merití, e a Rádio Bicuda FM, na Vila da Penha, no município do Rio de Janeiro, além da iniciativa, em processo, *radiovivafavela* – um *site* do VivaRio que integra rádios comunitárias do Grande Rio e Niterói, permitindo a transmissão de alguns programas em rede. Participamos da reunião de fundação do projeto e vamos disponibilizar no *site* programas experimentais que já produzimos.

Para integrar os estudos de Escuta a outras áreas de uso das novas tecnologias na Mídia e nas Artes, criei também a Oficina Híbridos – uma Oficina de pesquisas na área de Mídia e Arte Contemporânea – junto ao Laboratório de Estudos Contemporâneos (Labore/NIESC/UERJ) (www2.uerj.br/~labore).^{xxv} O mesmo campo de pesquisa é trabalhado em, pelo menos, um outro centro brasileiro do qual sou também membro, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Música e Contemporaneidade da UEL (Universidade Estadual de Londrina), no Paraná, coordenado pela musicóloga e radiomaker Janete el

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Haouli. Em São Paulo, integrando um grupo mais ligado à composição eletroacústica, sem atuação na área de rádio, há o Laboratório de Linguagens Sonoras (LLS), do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Seu correspondente, no Rio, é o LaMuT – Laboratório de Música e Tecnologia – da Escola de Música da UFRJ, cujo fundador – o compositor Rodolfo Caesar – faz parte do conselho consultivo de nossa Oficina, no Labore.

Produção radiofônica

Nossa produção radiofônica tem como direção principal o desenvolvimento de novas possibilidades de narrativas sonoras no rádio – i.e., um campo de testagem de experiências de comunicação radiofônica que atue, por si mesmo, como rádio–educação; isto, tanto em uma programação experimental desenvolvida por nossa equipe, quanto através do acompanhamento à produção desenvolvida pelos demais grupos da rádio comunitária.

Assim, por exemplo, a Rádio Kaxinawá terá sua “paginação” – vinhetas, chamadas, informações institucionais – construída a partir da edição de “paisagens sonoras” recolhidas pela equipe de pesquisa, e aproveitando material produzido nas experiências de “educação da escuta”, nas escolas.

Entre os programas experimentais:

Um programa específico de Retratos Sonoros, pode também ser um desdobramento dessa experiência, integrando o processo de Educação da Escuta à distância. Experiências com grupos de crianças, em escolas e outros locais de seu cotidiano, ou de sua escolha, com as gravações feitas pelas crianças e seus comentários e reflexões sobre o ambiente sonoro que se está acompanhando.

Outro exemplo, Um programa de bebês. Ninguém ouve a voz dos bebês no rádio. Eles que ainda não tem a fala organizada, mas emitem sons, exploram sons, inventam e experimentam com os sons. A idéia é fazer programas apenas com os bebês e para os bebês. A comunidade de bebês será chamada a participar da iniciativa, e uma divulgação deve ser feita para que os ouvintes bebês formem uma audiência, para que se possa acompanhar os efeitos da experiência.



A voz, aliás, pode ser um instrumento central para experimentação. Há vozes que expressam ou manifestam fortemente outros modos de ser, como, por exemplo, as vozes dos feiticeiros (pajés) indígenas kaxinawá com que tivemos contato recentemente. São vozes que, pela diferença muito marcada nos timbres e nos tempos da fala, mostram de modo concreto as diferenças no regime da constituição de seus corpos pessoais e sociais. Deleuze e Guattari referem-se à experiência radiofônica de Artaud (em *Para acabar com o juízo de Deus*), como “uma experiência não somente radiofônica, mas biológica, política(...). Corpus e Socius, política e experimentação”. É todo um outro mundo sensível, afetivo, social, político, espiritual que fica visível (audível) nessas vozes, “uma experiência não somente radiofônica, mas biológica, política”^{xxvi}.

Por um acaso curioso, foi escolhido esse nome de um povo indígena – do Acre, fronteira com o Perú – como nome de nossa rádio, e assim temos um pretexto positivo para experimentar nessa direção, com “vozes indígenas” convidadas. Vozes que trazem outros mundos possíveis.

No acompanhamento à produção comunitária da Rádio Kaxinawá, nossa preocupação será a de favorecer o rompimento com os padrões de linguagem de rádio, próprios das rádios comerciais, que grande parte das comunitárias acaba reproduzindo. São estilos de locução, timbres de voz e ritmos de fala, modos de coordenar um debate, as intervenções do apresentador, que constituem o caráter autoritário da enunciação radiofônica, denunciado por Murray Schafer. Como o rádio, enquanto forma, pode atuar numa educação para a democracia, e no estímulo a novos modos de viver?

Nossa primeira experiência de produção, uma série de programas-piloto que intitulamos *Conversas na Vila*, já seguia esta direção. Surgiu durante um curso de voz e interpretação realizado na sede da Associação de Moradores. Após as aulas, se faziam as reuniões da rádio, com a presença freqüente de outras pessoas da comunidade interessadas no projeto. Logo percebemos que as conversas poderiam ser gravadas, e, editadas, se tornariam *talk shows*, programas de conversa.

A idéia de transformar o papo da reunião em *talk-show* surgiu de nossa percepção da riqueza e variedade de pontos de vista (pontos de escuta), personagens rítmicos, que tínhamos espontaneamente reunido. O fato de estar numa reunião

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



informal, onde todos têm igual direito à fala, onde não há um coordenador definido, um “ponto de escuta” privilegiado, mas uma distribuição horizontal da “autoridade” que toda voz no rádio implica. Esta horizontalidade cria outra atmosfera na discussão. Trata-se de "manifestação de democracia direta", comparada à "farsa de diálogo livre com função de controle social", dos *talk shows* das rádios comerciais.

Bibliografia

Livros/Teses

BAYLE, F. *Musique acousmatique... propositions....positions*. INA/GRM , Buchet/Chastel, 1993.

BOSSEUR, J.–Y.. *John Cage*. Paris, Minerve, 1993.

DELEUZE, G E GUATTARI, F. *Capitalismo e Esquizofrenia. Mil Platôs*. (vols. 1, 2, 3 e 4)., Rio de Janeiro, Editora 34.

EL HAOULI, J. *Rádiopaisagem*. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós–graduação em Artes, da Escola de Comunicação e Artes ECA/USP, 2000.

GIL, J. *A Imagem–Nua e as Pequenas Percepções*. Relógio D'Água, Lisboa, 1996.

GUATTARI, F. E ROLNIK, S. *Micropolítica. Cartografias do Desejo*. Petrópolis, Vozes, 1986.

KAHN, D. & WHITEHEAD, G. (orgs.) *Wireless Imagination, Sound, Radio and the avant–garde*. MIT Press, Cambridge, London, 1992.

KASTRUP, V. *A invenção de si e do mundo. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Campinas, Papirus, 1999.

MOREIRA, S.V. E DEL BIANCO, N.R. (orgs.) *Desafios do Rádio no Século XXI*. São Paulo, INTERCOM; Rio de Janeiro, UERJ, 2001.

PELBART, P.P. *A Vertigem por um fio. Políticas da Subjetividade Contemporânea*. São Paulo, Iluminuras/ FAPESP, 2000.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

PORTO, R.; EL HAULI, J.; FONTEERRADA, M.; TABORDA, T.; COSTA, M. S. R. *Escuta! A Paisagem Sonora da Cidade*. Rio de Janeiro. Prefeitura do Rio / Secretaria do Meio Ambiente, 2000.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo. Estação Liberdade, 1989.

—————. *Inconsciente antropofágico. Emsaios sobre as subjetividades contemporâneas*. São Paulo. Estação Liberdade, 1998.

RUSSOLO, L. *L'art des bruits* (“Avant-gardes”) Lausanne, L'Âge d'Homme, 1975.

SCHAFER, M. *O Ouvido Pensante*. Trad. Fonterrada, M. et alii. Fundação Editora da UNESP, São Paulo, 1991.

—————. *Hacia una educacion sonora*. Trad. Gainza, V.. Buenos Aires, Pedagogias Musicales Abiertas, 1994.

—————. *A afinação do mundo. Uma exploração pioneira*. São Paulo, UNESP, 2001.

SCHAEFFER, P. *Traité des Objets Musicaux*, Seuil, Paris, 1966.

TRUAX, B. (edit.) *Handbook for Acoustic Ecology. The Music of the Environment Series*, n. 5., World Soundscape Project, Canada, 1997.

Artigos em periódicos / Comunicações

ADAMS, J. L. A. “Strange and Sacred Noise”, www.alaska.net/~jla, 1998.

BATES, J.K. “How to hear everything and listen to anything”, Time/Space Systemsindex.html

COPELAND, D. “Cruising For A Fixing”, *Musicworks* #61 (Winter, 1995)

COSTA, M.S.R. "O Ritornelo e a escuta da música das tradições", in *Pesquisa e Música*, Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro. v. 4, n. 1, 1998

—————. "Paisagens Sonoras. Murray Schafer fala do projeto como arte, educação e política" Mauro Sá Rego Costa entrevista Murray Schafer. *Pesquisa e Música*, Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, v.4, n. 1, 1998.

—————. “Etnomusicologia como pretexto. Música (das Afro-Américas), metafísica, política e polícia”. *Pesquisa e Música*, Conservatório Brasileiro de Música. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2000.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

—————. Rádios Comunitárias como Rádios Educativas – explorando os potenciais educativos do rádio e das rádios comunitárias. Comunicação apresentada no INTERCOM 2001 – XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande, MS.

FERRINGTON, G. “Kid's Radio Is On The Air!” *Interchange*. Fall, 1993. Vol. 22. No.2.

IMADA, T. “The Japanese Sound Culture”. *The Soundscape Newsletter Number 9*, September, 1994.

MOREIRA, S. V. “Rádio @ Internet”. In Bentes, I e Zaremba, L, *Radio Nova. Constelações da Radiofonia Contemporânea*, 3, UFRJ, ECO, Publique, 1999.

PICHORA-FULLER, K. “Acoustic Ecology: Listeners and their Relationships to Sound Environments”, Institute for Hearing Accessibility Research.

SCHAFER, M. “Rádio Radical”. In *Rádio Nova. Constelações da Radiofonia Contemporânea*. n.º. 2. UFRJ, ECO, Publique, 1997.

“Ouvir e escutar. Entrevista com François Bayle, compositor e diretor do INA–GRM (Paris)”, in Scheps, R. (org) *O Império das Técnicas*, Papirus, Campinas, 1996.

SCHRYER, C. “Sensibilisation au bruit” ; “Art et environnement sonore”; “Electroacoustic Ecology in Canada: Bicycle Orchestras and Radio Pirates”, In <http://interact.uoregon.edu/medialit/wfae/readings/contributingindex.html>

WESTERKAMP, H. “O Ambiente Sonoro no Rádio”. In *Rádio Nova. Constelações da Radiofonia Contemporânea*. n.º. 2. UFRJ, ECO, Publique, 1997.

—————. *Soundscape Composition: Linking Inner and Outer Worlds*. Soundscape be)for(e 2000, Amsterdam, 1999

WRIGHTSON, K. An Introduction to Acoustic Ecology, *Journal of Electroacoustic Music*, Volume 12, March 1999.

NOTAS

ⁱ De Marcel Duchamp, artista plástico; aos dramaturgos Bertold Brecht, Antonin Artaud e Samuel Becket; desde Dziga Vertov e seu *Laboratório de Escuta*, aos contemporâneos William Burroughs e John Cage.

ⁱⁱ Russolo, Luigi. *L'art des bruits* (“Avant-gardes”) Lausanne, L'Âge d'Homme, 1975.

ⁱⁱⁱ .. V. <http://mac-texier.ircam.fr/textes>

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



- ^{iv} Bosseur, Jean-Yves. *John Cage*. Paris, Minerve, 1993.
- ^v Kahn, Douglas & Whitehead, Gregory. (orgs.) *Wireless Imagination, Sound, Radio and the avant-garde*. MIT Press, Cambridge, London, 1992, 1–13.
- ^{vi} Pierre Schaeffer criou em 1944 um estúdio de experimentação radiofônica. Em 1951 funda o Grupo de Música Concreta, que se transforma, em 58, no Groupe de Recherches Musicales (GRM). De 1960 a 75, dirige o setor de pesquisa da ORTF (Office de Radiodiffusion Télévision Française).
- ^{vii} Schaeffer, Pierre. *Traité des Objets Musicaux*, Seuil, Paris, 1966.
- ^{viii} Bayle, François. *Musique acousmatique... propositions...positions*. INA/GRM, Buchet/Chastel, 1993
- ^{ix} Schafer, M. *A afinação do mundo. Uma experiência pioneira*. UNESP, 2001; *O Ouvido Pensante*. Trad. de Fonterrada, M. São Paulo. Fundação Editora da UNESP, 1991.
- ^x Ver Porto, Regina; el Haouli, Janete; Fonterrada, Marisa; Tabora, Tato; Costa, Mauro Sá Rego. *Escuta! A Paisagem Sonora da Cidade*. Prefeitura do Rio / Secretaria do Meio Ambiente, 2000.
- ^{xi} Copeland, Darren. “Cruising For a Fixing”, *Musicworks* #61 (Winter, 1995).
- ^{xii} José Gil, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Suely Rolnik, Peter Pál Pelbart, Ver Bibliografia.
- ^{xiii} Machiocchi, Maria Antonieta. *Après Marx, Avril*. Paris, Seuil, 1978.
- ^{xiv} “Em busca de sua autonomia enquanto arte, a concepção estética do Hörspiel, abandona definitivamente os recursos do diálogo, do monólogo e da narrativa literária do drama de rádio ou radionovela. Como já prefigurara Weekend de Walther Ruttmann, o interesse recairá sobre certos princípios estruturais do cinema, quais sejam: as técnicas de colagem e de montagem. Todo e qualquer evento sonoro passará a ser utilizado sem restrições pelos audioartistas contemporâneos. Surgia algo assim como um axioma: “Na arte acústica, todas as ocorrências audíveis são iguais em valor.” In Janete el Haouli, Radiopaisagem, 2000, 30.
- ^{xv} Stupidovich, Stefan Broopsk. *Samuel Beckett's Radio Plays: Music of the Absurd*. A Thesis Presented to the Department of British and American Studies of the University of Oslo in Partial Fulfilment of the Requirements for the Cand. Philol. Degree, Spring Term 2000pa (post apocalypse) (A tese é interessantíssima. O nome do autor, e a fonte acadêmica, no entanto, parecem uma brincadeira especial para internet. A quem se interessar, procurar em <http://www.geocities.com/Paris/7127/thesisfaeces/title.html>
- ^{xvi} “Cada um deve encontrar a língua menor, dialeto, ou antes, idioleto, a partir do qual tornará maior a sua própria língua menor. Essa é a força dos autores que chamamos “menores”, e que são os maiores, os únicos grandes (...) É em sua própria língua que se é bilíngue ou multilíngue.” (51) ... O mesmo ocorre com as línguas menores: não são simplesmente sublínguas, idioletos ou dialetos, mas agentes potenciais para fazer entrar a língua maior em um devir minoritário de todas as suas dimensões (...) Certamente, as minorias são estados que podem ser definidos objetivamente, estados da língua, de etnia, de sexo, com suas territorialidades de gueto; mas devem ser consideradas também como germes, cristais de devir, que só valem enquanto detonadores de movimentos incontrolláveis e de desterritorializações da média ou da maioria (53)” In Gilles Deleuze, Felix Guattari. “Postulados da Lingüística”, *Mil Platôs*, vol. 2, Editora 34, 1995.
- ^{xvii} Schafer, M. “Rádio Radical”. In *Rádio Nova. Constelações da Radiofonia Contemporânea*. n.º. 2. UFRJ, ECO, Publique, 1997.
- ^{xviii} Deleuze, G. e Guattari F. “Acerca do Ritornelo”, in *Capitalismo e Esquizofrenia. Mil Platôs*. Vol.4. Rio de Janeiro. Editora 34, 1995, 115–170.
- ^{xix} Costa, M. S.R.. “O Ritornelo e a escuta da música das tradições”, in *Pesquisa e Música*, Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, v.4, n.1, 1998; “Etnomusicologia como pretexto. A Música (das Afro-Américas), metafísica, política e polícia”, in *Pesquisa e Música*, Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, v.5, n.1, 2000.
- ^{xx} V. sobre as novas – e para breve – condições técnicas do rádio por satélite, Moreira, Sonia Virgínia. “Rádio @ Internet”. In Bentes, I e Zaremba, L, *Radio Nova. Constelações da Radiofonia Contemporânea*, 3, 1999.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

^{xxi} Costa, Mauro S.R.. Percepção auditiva, cognição e desenvolvimento comunitário no contexto de uma rádio educativo–comunitária na Baixada Fluminense.

^{xxii} *Rádio, Paisagem Sonora e Educação*, das bolsistas Adriana Isaías Melo de Oliveira (bolsista da FAPERJ) e Ana Laura Barbosa Lima (bolsista da SR–2/UERJ)

^{xxiii} Costa, Mauro S.R.. *Rádios Comunitárias como Rádios Educativas – explorando os potenciais educativos do rádio e das rádios comunitárias*. Comunicação apresentada no INTERCOM 2001 - Núcleo de Comunicação Comunitária – XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande, MS.

^{xxiv} A *Associação Comunitária de Educação, Comunicação e Cidadania de Vila S. Luís*, foi fundada em 29 de janeiro de 2001, como entidade civil sem fins lucrativos, seguindo a Norma 2/98 – Norma Complementar do Serviço de Radiodifusão Comunitária, RadCom, instituído pela Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998.

^{xxv} A Oficina Híbridos publica um caderno sobre arte contemporânea e mídia na revista *Polêmica*, desde seu número 2. Já estamos no preparo do número 5 – abril, maio, junho 2002. Ver em www2.uerj.br/~labore.

^{xxvi} Gilles Deleuze e Felix Guattari. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol 3. São Paulo, Editora 34, 10.